

# Linguística e ensino de línguas, de Lucia Lobato

**Bruna Elisa da Costa Moreira<sup>1</sup>**  
Universidade de Brasília

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma resenha da obra *Linguística e Ensino de Línguas* (2015). Como se depreende do título, a obra aborda a dimensão do ensino de línguas e as contribuições da Linguística ao campo educacional. Dividida em três capítulos, todos eles provenientes de palestras ministradas por Lucia Lobato, a obra é de interesse para professores de língua, tanto aqueles em formação quanto aqueles mais experientes, visto que traz importantes reflexões sobre a interface linguística e educação. Os temas abordados são: “o que o professor da educação básica deve saber de linguística”, “o aspecto criativo do uso normal das línguas” e “linguística e ensino de línguas”.

**Palavras-chave:** Linguística; Ensino; Faculdade da Linguagem; Gramática.

**Title:**

**Abstract:** This paper presents a review of *Linguistics and Language Teaching* (2015). As it is clear from the title, the work addresses the topic of language teaching and the contributions of Linguistics to the field of Education. Divided into three chapters, each one based on talks given by Lucia Lobato, the work is of interest to all language teachers, both those in training as well as those more experienced, as it proposes

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB). Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES). Agradecimentos: a todos os membros do LEFOG e à CAPES.

important reflection on the language/ education interface. The main topics of the book are: “what does the language teacher should know about language”, “the creative aspect of the regular use of language”, and “Linguistics and language teaching”.

**Keywords:** Linguistics; Teaching; Language Faculty; Grammar.

A obra *Linguística e Ensino de Línguas*, publicada em 2015, é o segundo volume da Coleção Lucia Lobato. A Coleção é destinada a divulgar as contribuições desta notável linguista brasileira que é referência nacional no âmbito dos estudos gerativistas. As organizadoras da publicação, e curadoras do acervo e da obra de Lobato, são as professoras Heloisa Salles, Rozana Naves, Eloisa Pilati e Helena Vicente, do Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG) da Universidade de Brasília (UnB). O prefácio da obra, intitulado “O linguista e o professor”, é assinado pela Professora Maria José Foltran (UFPR).

Como se depreende do título, trata-se de uma obra que aborda a dimensão do ensino de línguas e as contribuições da Linguística ao campo educacional. Portanto, é uma trabalho de interesse para professores de língua, tanto aqueles em formação quanto aqueles mais experientes, visto que traz importantes reflexões sobre a interface Linguística e Educação. Observa-se que a questão das contribuições da linguística ao ensino de línguas está inserida em uma questão maior, sobre como as descobertas da linguística podem ser trazidas ao conhecimento de uma comunidade maior (ver PESETSKY, 2013).

O livro é dividido em três capítulos, baseados em palestras ministradas por Lobato. Como indicado na Apresentação da obra, assinada pelas organizadoras da publicação, duas das palestras dizem respeito à temática do ensino de línguas, e uma delas trata de um tema relacionado, o caráter criativo das línguas. No que se segue, abordamos cada um dos capítulos, indicando as suas principais contribuições à temática de linguagem e ensino.

O Capítulo 1 é intitulado “O que o professor de educação básica deve saber de linguística?” Trata-se de uma palestra apresentada em Fortaleza, no ano de 2003, na 2ª Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em uma mesa-redonda intitulada “A Linguística e o Professor de Ensino Básico”. O objetivo central do texto é propor uma reflexão sobre a interface da linguística com a Educação Básica.

Lobato parte da seguinte questão:

O que o professor de ensino básico tem de saber e o que não precisa saber sobre análises linguísticas específicas e sobre questões gerais em debate?

Segundo a autora, essa questão se justifica por duas razões, descritas a seguir (LOBATO, 2003 apud PILATI et al, 2015, p.16):

- i. Há grande defasagem entre o conhecimento sobre estrutura linguística acumulado nas Universidades e o conhecimento gramatical veiculado nas gramáticas escolares.
- ii. Qualquer exigência sobre conteúdo a ser introduzida na formação de professores deve ser bem pensada, para que não se queira transformar o professor em linguista.

O ponto de partida assumido por Lobato para discutir a questão (1) é o conceito de gramática, ou melhor, são dois conceitos de gramática. O primeiro deles destaca o aspecto estático da gramática, como um compêndio de descrições sobre uma língua. Por exemplo, “a gramática do Celso Cunha” ou “a gramática do Rocha Lima”. O segundo deles é o aspecto dinâmico da gramática, entendida como uma faculdade mental própria da espécie humana. A seguir, reproduzimos um excerto da autora:

Muitos usam as expressões *gramática universal*, *faculdade de linguagem* ou *dispositivo de aquisição de língua*. É em virtude dessa gramática universal, dessa faculdade de linguagem, desse dispositivo de aquisição de língua, que todo membro da espécie humana é capaz de adquirir uma língua, sem qualquer ensino, bastando para tanto a experiência do contato com a língua nos

primeiros anos de vida (LOBATO, 2003 apud PILATI et al, 2015, p. 17).

A partir desses dois conceitos de gramática (i.e., como algo estático ou dinâmico), Lobato defende que o professor de língua deve trabalhar na perspectiva dessa segunda acepção. Assim, a autora introduz a sua proposta de que a escola não deve *ensinar* gramática aos alunos, visto que eles já chegam à escola com sua gramática adquirida. De forma concreta, a proposta de Lobato(LOBATO, 2003 apud PILATI et al, 2015,p. 20) é resumida em três características que, segundo a autora, o ensino de língua materna deve contemplar

- i. Adoção do procedimento de descoberta: o ensino deve levar à descoberta.
- ii. Adoção da metodologia de eliciação: ensinar o aluno a tirar suas próprias conclusões e a desenvolver o seu conhecimento sobre a língua.
- iii. Adoção de uma técnica de resultados: explicitar ao aluno que existe uma relação entre forma e conteúdo, ou seja, trabalhar com estruturas dando ênfase ao fato de que diferentes estruturas implicam diferentes resultados semânticos.

Lobato (p. 21) reconhece que essa mudança de paradigma no ensino de gramática é um grande desafio, e destaca a importância do papel da Universidade em formar o novo professor de línguas. Nesse sentido, Lobato defende que a Universidade prepare o aluno para “fazer demonstrações empíricas de que existe a faculdade da linguagem. Qualquer fenômeno linguístico (p. 22).

A autora exemplifica (p. 23) uma demonstração desse tipo a partir do seguinte par de sentenças:

- i. João acha que ele fala russo fluentemente.
- ii. Ele acha que João fala russo fluentemente.

A argumentação da autora parte da observação de que (2) pode receber duas leituras. Em uma delas, ‘ele’ tem sua referência dependente

de 'João'. Em outra, 'ele' tem referência livre. Já em (3), 'ele' recebe apenas a interpretação de referência livre. Com base nessa observação, a autora concluiu que, se uma criança aprendesse sua língua materna por analogia, poderia, por analogia de (3) com (2), atribuir duas leituras a 'ele' em (3). No entanto, as crianças não fazem esse tipo de analogia. Para tanto, elas não recebem qualquer instrução formal explícita. Interessantemente, este é um fato translinguístico (i.e., não específico ao português). Por meio dessa demonstração simples, Lobato (p. 23) defende que “tudo leva a crer, portanto, que estamos diante de um fenômeno que decorre da existência de uma faculdade de linguagem”. A autora argumenta que “[a] necessidade de os alunos aprenderem a fazer esse tipo de argumentação é real, pois só se os nossos alunos se derem conta de que existe, de fato, a faculdade de linguagem, poderão se envolver com convicção num projeto de renovação do ensino” (p. 23) .

Para concluir, Lobato (p.25) apresenta três razões para não se abandonar totalmente o ensino gramatical na escola:

- i. A mesma gramática abstrata que subjaz às palavras e às orações também subjaz ao texto e às atividades discursivas. Assim, os mesmos princípios abstratos estão presentes em ambos.
- ii. A explicitação dos mecanismos de que as línguas fazem uso e de seu efeito semântico é importante para os alunos dominarem a escrita.
- iii. Os procedimentos propostos — procedimento de descoberta, metodologia de eliciação e técnica de resultados — ajudam o aluno a reconhecer a sua gramática interna.

Finalmente, a autora apresenta três casos concretos de divergências entre análises da Gramática Tradicional e análises propostas no âmbito dos estudos linguísticos. Os detalhes dessas análises são deixados para o leitor interessado. No que se segue, esses três casos são brevemente apresentados.

O primeiro caso diz respeito a orações com o verbo *parecer*, como exemplificado a seguir em (4) (p. 26).

1. Parece que João é inteligente.

A Gramática tradicional classifica essa oração como subjetiva. Entretanto, análises linguísticas a classificam como objetiva direta — argumentos para tanto são sólidos e convincentes (ver discussão da autora). Nesse sentido, Lobato (p. 27) declara que “[s]obre esse tipo de caso, eu própria não tenho dúvida: tem de haver uma mudança nas nossas gramáticas escolares, para incorporar essa nova análise”.

O segundo caso é o da classificação dos verbos em duas grandes classes, verbos transitivos e intransitivos, sem reconhecer a distinção entre verbos inacusativos (e.g., *nascer*) e verbos inergativos (e.g., *sorrir*). A autora reconhece que esse tipo de caso é mais complexo, não obstante, a autora defende que, em algum momento, esse tipo de análise deve ser incorporada no ensino de língua materna.

O terceiro caso é o da distinção (sutil) entre orações causais e explicativas. A autora sugere que, nesse caso, o professor deve “apontar a análise tradicional e deixar clara a confusão que a ela subjaz”. Assim, o primeiro capítulo da obra conclui com destaque ao tipo de postura científica a ser adotada pelo professor de língua, de acordo com Lobato.

O Capítulo 2 é intitulado “O aspecto criativo do uso normal das línguas”. Trata-se de um trabalho apresentado em 2003, no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília, em uma mesa-redonda sobre o tema “Criatividade”. O objetivo central do texto é discutir, de uma perspectiva Chomskiana, o aspecto criativo das línguas, isto é, a “nossa capacidade de, a cada vez que usamos a língua, formarmos uma nova combinação de elementos, que exprime novos pensamentos, apropriados à nova situação [...]” (LOBATO, 2003 apud PILATI et al, 2015, p. 33). Diferentemente do primeiro capítulo do livro, o capítulo 2 não aborda diretamente a dimensão do ensino de língua materna. Não obstante, o tema da criatividade está intimamente ligado à visão de gramática dinâmica discutida pela autora, e a reflexão sobre o aspecto criativo da língua é extremamente relevante para o professor de língua.

Lobato parte do reconhecimento de que a expressão “aspecto criativo do uso normal das línguas” abrange cinco propriedades, exemplificadas a seguir (p. 34):

- i. Aspecto ilimitado de temas: os falantes são livres para expressar na língua diferentes temas, não estando restritos a determinados assuntos.
- ii. Âmbito ilimitado de situações: os falantes podem adequar o uso da língua a determinadas situações.
- iii. Independência da referência em relação ao contexto pragmático: os falantes não estão limitados a falar do que existe no momento presente, mas podem falar de situações abstratas ou hipotéticas.
- iv. Independência em relação a estímulos: os falantes não estão limitados a se expressar com base em estímulos externos, podendo se expressar com base em estados emocionais internos.
- v. Âmbito ilimitado de combinações: o falante pode criar um número infinito de combinações de palavras, formando um número infinito de sentenças.

Lobato (p. 35-36) observa que essas propriedades são particulares da linguagem humana, inexistindo na linguagem animal, que consiste apenas na transmissão unilateral de uma mensagem que está diretamente ligada a uma experiência concreta. Por exemplo, as abelhas são capazes de transmitir mensagens a outras abelhas, indicando um local específico em que há alimento. No entanto, uma abelha não é capaz de (re)transmitir essa mensagem às outras, a menos que tenha tido experiência direta (i.e., ter se alimentado no local em questão). A partir dessa constatação, a autora questiona como se explicaria, então, o aspecto criativo do uso das línguas?

Em primeiro lugar, Lobato (p. 36) destaca o caráter da língua como um substituto da experiência. Em seguida, a autora observa que há mecanismos de natureza morfológica, sintática e lexical que permitem a construção de diferentes representações. Um aspecto fundamental da língua humana é a questão da recursividade, assim ilustrada pela autora:

dado um substantivo, como *livro*, podemos fazer incidir sobre ele um atributo, como em *livro azul*, sobre o sintagma resultante podemos fazer incidir outro atributo, como *livro azul do Henrique*, e esse novo sintagma poderá ainda receber outro atributo, como em *livro azul do Henrique que ele ganhou de presente*, e assim por diante (p. 38).

No âmbito dessa questão, Lobato oferece uma reflexão interessante ao professor de língua, ao observar que a arquitetura das línguas prevê o seu uso criativo por parte dos falantes, tanto no âmbito morfológico quanto sintático. Por exemplo, é possível formar novas palavras, embora estas obedeçam rigidamente aos padrões morfológicos da língua. Quanto à sintaxe, a autora (p. 39) propõe que o sistema sintático é composto de uma parte criativa e de uma parte não criativa. A parte não criativa diz respeito, por exemplo, à ordem das palavras na língua para determinada estrutura. A parte criativa reside na escolha lexical e nas combinações possíveis dos itens lexicais. Por exemplo, *cachorro*, *homem* e *morder* são unidades que podem ser organizadas de diferentes formas, se o falante quer expressar uma frase ativa ou passiva. Por exemplo, “o cachorro mordeu o homem”. Quanto à fonologia, Lobato destaca a falta de criatividade por parte dos falantes, visto que no sistema fonológico não há “associação semântica entre os traços fonológicos e os fonemas”. Finalmente, a principal conclusão da autora (p. 39-40) é a de que “[s]ó há criatividade onde há significação” (idem *ibidem*).

O Capítulo 3, intitulado “Linguística e ensino de línguas”, trata de uma palestra apresentada em 1976, no II Encontro Nacional de Estudos de Linguística e Literatura, quando Lobato atuava como professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo central dessa palestra é discutir como a Linguística pode contribuir para a renovação do ensino de línguas. A autora (p. 43) parte de quatro pontos principais, introduzidos a seguir:

- i. De que modo e até onde pode a linguística contribuir para a tarefa do aluno e do professor na pedagogia das línguas?

- ii. Entre os modelos linguísticos existentes atualmente, haveria algum cuja aplicação ajudaria a resolver os problemas do ensino e da aprendizagem de línguas?
- iii. Considerações sociolinguísticas na renovação do ensino de línguas.
- iv. Possibilidades reais de renovação gramatical no Brasil à luz dos desenvolvimentos recentes da linguística.

Quanto ao primeiro ponto, Lobato destaca que a linguística pode contribuir para a realização dos objetivos do ensino de línguas, a partir de “análise rigorosa da língua em questão, a qual servirá de base para o ensino, sem, no entanto, tomar o lugar de um manual preparado com fins pedagógicos” (p. 44)<sup>2</sup>.

No que diz respeito ao segundo ponto, sobre a aplicabilidade dos modelos linguísticos, Lobato argumenta que estes devem ter algumas características. Entre elas, considerar (i) o contexto linguístico e extralinguístico, ou seja, incorporar não somente a frase, mas também o texto; (ii) as variadas funções da linguagem (i.e., emotiva, conativa, fática, metalinguística etc.); e (iii) as variações da língua, sejam elas dialetais ou de registro. Assim, a autora (p. 48) defende que o ensino de línguas exige “um modelo que analise as relações entre frases e, que, portanto, ultrapasse o nível da frase”.

Sobre o terceiro ponto, a autora enfatiza a dimensão social da língua, ou seja, como a língua é efetivamente usada por uma comunidade linguística. Nesse contexto, Lobato (p. 44) dá relevo ao fato de que o ensino de línguas deve levar em conta a variação linguística: “ensinando-se ao aluno a distinguir os diferentes usos da língua [...] e, sobretudo, dando-se meios aos falantes de usar registros que não possuem ainda”.

Finalmente, no que concerne ao quarto ponto, Lobato (p. 51-52) desenvolve alguns tópicos relevantes para a renovação do ensino, brevemente citados a seguir:

---

<sup>2</sup> Observa-se como este ponto do texto dialoga com as reflexões do Capítulo 1.

- i. Maior colaboração entre professores e linguístas.
- ii. Elaboração de novos materiais de ensino, que levem em conta o uso da língua em diferentes contextos de comunicação.
- iii. Consideração das comunidades bilíngues no Brasil.
- iv. Ensino da língua baseado não só em obras literárias, mas também em outros usos cotidianos da língua.

Finalmente, Lobato (p. 54) conclui que a “linguística não tem receitas a oferecer”, e reitera a necessidade da colaboração entre linguístas e professores. Embora, de fato, não haja receitas, a obra *Linguística e Ensino de Línguas* provê alguns caminhos possíveis e propõe reflexões importantes para substanciar o trabalho do professor de língua materna.

### **Referências**

PESETSKY, David. What is to be done? Slides from plenary talk. *Linguistics Society of America (LSA) Annual Meeting*. January 4, 2013.

PILATI, Eloisa N. Silva. [et al.] (Orgs.). *Linguística e Ensino de Línguas*. v.2. Coleção Lucia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. ISBN: 978-85-230-1163-5. 56p.

Resenha recebida em junho  
e aprovada em dezembro de 2016.